Arpino, um escritor esquecido

Silvia La Regina

Publicado em Giovanni Arpino. *A escuridão e o mel*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2001. p. 8-12

Giovanni Arpino (Pola, hoje pertencente à Croácia, 1927 – Turim, 1987) teve muito em comum com Alberto Moravia (1910-1990): ambos foram jornalistas; praticaram uma literatura de cunho essencialmente realista, retratando a sociedade com agudeza mordaz e delineando personagens com riqueza de análise psicológica; enfim, foram escritores premiados e reconhecidos – Moravia até internacionalmente; ambos hoje são esquecidos, tanto pela mídia como pelos leitores e pela academia, de forma incompreensível e injusta.

Descoberto por Elio Vittorini, que publicou nos *Gettoni* da Einaudi seu primeiro romance, *Sei stato felice, Giovanni*, de 1952, Arpino, morto com sessenta anos, teve uma trajetória narrativa relativamente curta, que se entrelaçou com sua carreira de crítico militante de jornais, consultor de grandes editoras como Einaudi, Zanichelli e Mondadori, colaborador de revistas como *L'Espresso*, e enfim jornalista esportivo – apaixonado por futebol e em especial pelo Torino, carinhosamente apelidado de Toro pelos torcedores. Seu interesse principal, seu foco narrativo sempre foi nos conflitos sociais e psicológicos italianos: representou situações e personagens com uma agudeza e perspicácia de olhar que possivelmente não conheçam iguais na literatura do país. Costuma-se dividir sua obra, composta por romances, contos, poemas e peças, em duas grandes fases: a primeira, desde *Sei stato felice, Giovanni*, definido por Vittorini como «neo-realismo com palavrões», até *L'ombra delle colline*, que em 1964 ganhou o Premio Strega, seria mais estritamente realista, focando – dentro do interesse geral pela psicologia de seus personagens e amor pela descrição de lugares italianos, freqüentemente do interior, que caracterizam toda sua obra – temas ligados à política, como a sofrida herança da segunda guerra mundial e seu rastro italiano de guerra civil (*L'ombra delle colline*), a alienação, a percepção antecipada das grandes inquietudes de '68 (*Una nuvola d'ira*); a segunda fase inclinar-se-ia mais na direção da alegoria e do espiritualismo, como em *Un'anima persa* (1966), iniciação traumática do jovem protagonista perante ao mal, ou o próprio *Il buio e il miele*, *O silêncio e a escuridão*, de 1969, no qual a personagem de Sara simboliza o amor e a coragem, ou *Randagio è l'eroe* (1972), cujos protagonistas assumem feições quase de heróis bíblicos, em tons messiânicos e proféticos (e é curioso relevar como o convite final do livro, «Va dove va il tuo cuore», tenha sido retomado quase literalmente no título de um romance italiano de grande sucesso, *Va dove ti porta il cuore*, de Susanna Tamaro). Com a exceção de *O silêncio e a escuridão*, a crítica costuma considerar a primeira fase narrativa de Arpino mais bem acabada e resolvida, mais equilibrada e sóbria. Sobriedade, aliás, que de qualquer forma caracteriza a linguagem do escritor, inclusive na escolha de um registro estilístico desprovido de nuances dialetais, simples e direto, sem por isso ser pobre: características talvez moldadas também através da paralela atividade de jornalista.

O movimento e o olhar são outras características fundamentais da prosa e em geral da atividade de Arpino, que pertence a aquele grupo de escritores italianos, tão diferentes entre si, que interagiram freqüentemente com o cinema, como diretores ou roteiristas ou autores de obras que inspiraram filmes: Pasolini, Moravia, Sciascia... E, aliás, talvez se possa dizer que um dos traços mais importantes da literatura italiana do século XX se explicitou precisamente nesta relação de troca e mútua inspiração com o cinema, confirmando por um lado a vitalidade da sétima arte na Itália, e pelo outro a profundidade da veia realista da literatura italiana. Realista, ou talvez, mais ainda, marcada pelo olhar: literatura de narração, de fatos, de descrições mais do que de idéias e

experimentações. De fato, em escritores como Moravia e Arpino capta-se, quase se tateia a realidade em cada parágrafo e cena.

A relação de Arpino com o cinema foi extremamente fecunda: além de ter sido roteirista de um episódio do filme *Boccaccio 70* – Renzo e Luciana, de um conto de Italo Calvino, «L'avventura di due sposi», dirigido por Mario Monicelli – dos romances de Arpino foram tirados três filmes: o conhecido *Divorzio all'italiana*, de Pietro Germi, de 1961, do romance *Delitto d'onore*, protagonizado por Marcello Mastroianni, *Anima persa* (romance de 1966, filme de 1976), por Dino Risi e protagonizado por Vittorio Gassmann, *Profumo di donna* (1974), de *A escuridão e o mel*, também de Dino Risi e com Vittorio Gassmann e do qual em 1992 foi feito um *remake*, *Scent of a Woman*, dirigido por Martin Brest e protagonizado por Al Pacino, que ganhou o Oscar por sua interpretação.

A escuridão e o mel, como se dizia, pertence ao começo da segunda fase narrativa de Arpino, na qual aos poucos a sólida implantação de cunho realista vem sendo integrada, modificada e enfim substituída por uma visão mais mística e poética, de um moralista profético, mas intimamente laico, através do qual o escritor busca uma resposta, uma alternativa à violência e à angústia da vida cotidiana. Angústia que em *A escuridão e o mel* é exemplificada e personificada por Fausto, o capitão cego prisioneiro, mais até do que de sua pessoal e concreta escuridão, da escuridão gerada pelo seu desesperado egoísmo, pela sua incapacidade de amar e ser amado, pela sua vontade de morrer gerada por uma falta de coragem que, afinal, acaba sendo sua principal característica. Ciccio, o jovem soldado que acompanha a viagem de danação e redenção de Fausto, termina sendo um personagem como que intencionalmente inacabado, sem contorno e personalidade – tanto é que o leitor não chega a conhecer seu verdadeiro nome, e quase nada de seus pensamentos e suas opiniões, apesar de ser ele o narrador do romance: como se realmente seu papel fosse unicamente o de guiar Fausto, enxergar por ele, sem julgar nem avaliar, e da mesma forma guiar o leitor na jornada através da Itália do capitão cego. De fato, Ciccio relata o que vê: as descrições são freqüentes e vivas, cheias de detalhes e de cores, cinematográficas até, e em evidente contraposição com a cegueira de Fausto, como em «O céu amadurecera num verde sombrio, paredes róseas e cinzentas sobressaíam ao longe, em degraus sobre a colina. Mas qualquer coisa que eu via me entrava nos olhos de modo estranho, imagens de um mundo que não era meu, até mesmo contrário ao meu, e logo desaparecia sem deixar vestígios» (p.29). Ciccio deixa as coisas acontecerem, e acaba ele próprio sendo guiado pelos dois personagens fortes do livro, Fausto e Sara. Sara, por sua vez, simboliza o amor e a coragem, quase monolíticos, cegos em sua determinação infantil e total, que por vezes torna a personagem um pouco esquemática, de ter para si o capitão.

Pode-se visualizar Fausto como no centro de um duplo jogo de correspondências e paralelismos, pólos cujos extremos são a presença absoluta (até o excesso) e a ausência total: com relação a Ciccio, este se coloca no pólo da visão absoluta, quase que totalizante (vê e descreve tudo, mas quase não fala e sobretudo não age) e Fausto, evidentemente, no pólo da obscuridade total, não enxerga, porém fala e, da forma que pode, age. Sara encontra-se no pólo da coragem e do amor absolutos, contraposta a Fausto, que novamente caracteriza-se como desprovido. E é com resignação que Fausto se rende ao amor de Sara: aparentemente uma redenção, sua união de fato parece mais uma nova derrota, a de quem não encontra mais nem mesmo a coragem de rejeitar a vida.

Romance cruel e doloroso, drama da solidão absoluta, *A escuridão e o mel* representa uma das mais altas provas narrativas de Arpino, e a criação de um personagem comovente – apesar, ou até por causa de, seu cinismo e seu sarcasmo – e inesquecível, Fausto: quem tiver assistido à primeira versão de *Perfume de mulher* lembrará dele na magnífica interpretação de Vittorio Gassmann, uma obra prima de ironia e amargura.